



## MÃES NA REDE: POSSIBILIDADES DE APOIO ÀS MÃES DISCENTES EM SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE EM UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**BRITO; Bruna Pinto Martins<sup>1</sup>, TAVARES; Fabiana Teixeira Ramos<sup>2</sup>, COSTA; Renata Silva<sup>3</sup>, HOSKEN; Safira Linhares<sup>4</sup>, REIS; Marcelly Ferreira Costalonga Patrocínio dos<sup>5</sup>, QUINTINO; Raphaela Gomes<sup>6</sup>, BRAZ; Raphaela Nochelli<sup>7</sup>, DINATO; Talita Sant'Ana Dinato<sup>8</sup>, GAMA; Karina dos Santos<sup>9</sup>**

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO

Há muito tempo, o assunto da maternidade dentro da universidade sofre um processo de silenciamento, sendo, geralmente, apagado das pautas sociais. Contudo, sabemos que as mães discentes se deparam com inúmeros desafios para equilibrar as múltiplas jornadas, como as tarefas acadêmicas e os cuidados com seus filhos e filhas. Com a pandemia do Covid-19, declarada pela OMS em março de 2020, essa situação se agravou, desvelando ainda mais a sobrecarga materna. Diante do cenário pandêmico, situações de vulnerabilidade foram escancaradas e intensificadas, afirmando mais ainda o fato de que “não estamos no mesmo barco”, conforme apontam Akerman et al. [1]. Ainda como nos indicam Akerman et al. [1], “Esse debate nasce da necessidade imperiosa de que uma política social comprometida com a promoção da equidade não deveria borrar as diferenças entre classes sociais, gêneros, raças, etnias, territórios e países”. Ademais, uma recente pesquisa denominada “Desigualdades e vulnerabilidades na epidemia de COVID- 19”, evidenciada por Furtado et al. [2], apresenta dados que demonstram que a pandemia é “um evento extremo que evidencia de forma ainda mais aberta e nítida a desigualdade estrutural e brutal da sociedade brasileira, mas não é sua causa” (p. 7).

Nessa ótica, considerando as mães discentes em situação de vulnerabilidade, sendo composto majoritariamente por mulheres negras, esse cenário é ainda mais cruel. É nesta conjuntura que, no ano de 2020, nasce o projeto de extensão: “Atenção, cuidado e redes de apoio às mães em sofrimento psíquico: construindo estratégias de enfrentamento frente aos impactos da Covid-19”, popularmente conhecido como *Mães na Rede*, cujo objetivo é fomentar estratégias de atenção e cuidado às mães em sofrimento psíquico, proporcionando acolhimento conforme suas necessidades emergenciais, em duas linhas de ação: interna e externa à Universidade. Desse modo, concordamos com Bicalho e Souza [3], em fazer valer a extensão universitária como uma prática

política, estratégia e metodologia de formação, sinalizando uma universidade voltada para os problemas sociais, com o objetivo de problematização, através das pesquisas básica e aplicada, visando a realimentar o processo ensino-aprendizagem como um todo e a intervir na realidade concreta

Além disso, é preciso enfatizar a importância das pautas maternas presente na universidade, seja como objeto de projetos de pesquisa, ensino e extensão, seja como políticas institucionais de apoio às maternidades. Entretanto, a inclusão desta temática só se faz possível com a mudança no

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, brunapmbrito@gmail.com  
<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, fabianatrtares@yahoo.com.br  
<sup>3</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, re\_costa@id.uff.br  
<sup>4</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, safirahosken31@gmail.com  
<sup>5</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, marcellycostalonga@id.uff.br  
<sup>6</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelaquentino@id.uff.br  
<sup>7</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelanochelli@gmail.com  
<sup>8</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, talita.sant99@gmail.com  
<sup>9</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, karsgama@gmail.com

próprio projeto de Universidade, segundo Arantes [4], como “consequência da própria transformação recente das universidades públicas, que deixaram de ser um espaço de reprodução social e cultural quase exclusivo das elites e classes médias brancas e urbanas, para se tornarem mais plurais, multiculturais e democráticas, graças à expansão de vagas, às novas localizações dos campi e às políticas afirmativas” (p.12). Isto posto, apresentaremos a metodologia utilizada neste projeto de extensão, lançando luz sobre as ações voltadas às mães discentes.

## **METODOLOGIA**

Para tanto, este projeto de extensão - coordenado por uma docente mãe do curso de Psicologia e composto por duas discentes mães, além de sete discentes não-mães também da graduação de Psicologia - realiza rodas de conversas quinzenais e acolhimentos individuais, ambos realizados remotamente entre gestantes, puérperas e mães com filhos em idade escolar que estejam em sofrimento psíquico. Além disso, por acreditarmos na potência de debates abertos que extrapolam os muros da universidade, utilizamos as redes sociais e um grupo no WhatsApp com mães participantes, como forma de fomentar discussões, divulgar informações e realizar conscientização coletiva acerca das maternidades reais.

Sobre as Rodas de Conversa, é importante destacar que, por apostarmos na criação de um espaço acolhedor, não propomos temas para a realização das mesmas, tendo em vista que utilizamos o método da Conversação, exposto por Miranda et. al [5], a partir da orientação psicanalítica, em que priorizamos a associação livre das participantes, método apresentado por Freud [6]. Desse modo, nosso intuito passa pela criação de um espaço seguro e ético, o qual fornece a possibilidade das mulheres mães depositarem relatos que atravessam as experiências das maternidades reais. No que tange as atividades direcionadas às mães discentes, além das ações supracitadas, devemos acrescentar ainda ações institucionais para construção de propostas de apoio - evitando a evasão escolar e garantindo a formação dessas estudantes - dentro do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, ao qual este projeto está associado.

## **DISCUSSÃO**

Neste trabalho apresentaremos as contribuições deste projeto referentes à formação de discentes do curso de Psicologia para atuação no campo de saúde mental e suas relações com maternidade, parentalidade, cuidados perinatais, assim como às dificuldades e possibilidades de ações voltadas à realidade das mães discentes. No que tange ao campo da formação, destacamos a realização de quatro trabalhos de conclusão de curso no ano de 2021 com temas acerca do campo da maternidade e saúde mental. Apesar de recente, consideramos então, que este projeto já tem contribuído para esse campo de formação tão fundamental e muitas vezes negligenciado. Logo, podemos afirmar que este projeto fomenta pesquisas e produções com questões e problemáticas referentes às maternidades plurais, contribuindo para esse campo tanto dentro quanto fora dos muros universitários.

No que tange às ações extensionistas, nossa experiência com as rodas de conversa virtuais com mães desvela o cenário de muitas mães discentes. É a partir da realização destas rodas quinzenais com mães (discentes ou não), mediadas por extensionistas do curso de psicologia, que emergem diversos temas, como sobrecarga materna, dificuldades com autocuidado, falta de rede de apoio, entre outros. Em algumas rodas, as mães discentes relatam suas preocupações com a formação acadêmica e a falta de apoio institucional que possibilite a permanência na instituição, em especial na modalidade de ensino remoto. Diante da precariedade ou falta de rede de apoio, da necessidade de cuidar dos filhos e tarefas domésticas, essas mães testemunham a dificuldade de conciliar essas inúmeras demandas invisibilizadas com as atividades acadêmicas. Nesse sentido, se faz necessário levantarmos uma análise crítica e trazermos à tona a questão que tanto atravessa a invisibilização do cenário materno: Cuidado reprodutivo é trabalho? Federeci [7] nos ajuda a responder tal questão, na medida em que explicita o quanto o capitalismo se apoia no trabalho reprodutivo não remunerado a fim de lucrar com mais uma força de trabalho. É parte de um plano político capitalista e neo-liberal, impor às mulheres o trabalho doméstico como um atributo natural

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, brunapmbrito@gmail.com  
<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, fabianatravares@yahoo.com.br  
<sup>3</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, re\_costa@id.uff.br  
<sup>4</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, safirahosken31@gmail.com  
<sup>5</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, marcellycostalonga@id.uff.br  
<sup>6</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelaquentino@id.uff.br  
<sup>7</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelanochelli@gmail.com  
<sup>8</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, talita.sant99@gmail.com  
<sup>9</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, karsgama@gmail.com

para que as mesmas aceitem trabalhar sem remuneração, produzindo ainda mais capital ao sistema. Sendo assim, como afirma Federici [7], “é importante reconhecer que quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou [...]” (p. 42). Isto posto, entendendo as questões estruturais referentes ao trabalho e à maternidade, em nosso projeto temos relatos que denunciam justamente a desconsideração da inequidade entre discentes não-mães e mães no ambiente institucional, posto que estas mulheres desvelam a falta de apoio institucional, ausência de empatia e/ou compreensão dessa inequidade por parte de algumas pessoas do corpo docente. Como forma de exemplificar tal questão, destacamos aqui uma ação realizada em nosso curso, onde a equipe deste projeto solicitou a participação em uma reunião de colegiado na tentativa de sensibilizar o corpo docente, considerando as inúmeras queixas de estudantes mães referentes à não disponibilização de modo assíncrono das aulas neste ensino remoto, além de uma não flexibilização quanto aos prazos. Tal ação tornou-se necessária na medida em que entendemos a existência de uma grande dificuldade em conciliar as aulas síncronas nessa modalidade remota, devido à intensificação da sobrecarga materna, sobretudo no período pandêmico.

### **MATERNIDADE E FORMAÇÃO: QUAL FUTURO POSSÍVEL PARA FUTURAS MÃES PESQUISADORAS?**

Desse modo, como é possível que uma mãe discente possa seguir o percurso acadêmico? Como as mães graduandas podem se tornar pesquisadoras e ingressar na pós-graduação? Há lugar a ser ocupado por essas futuras pesquisadoras? E por fim, o que acontece quando mulheres, ainda na condição de estudantes, tornam-se mães no contexto pandêmico, mais precisamente, no percurso da formação universitária? Os processos de conciliação entre maternidade e vida acadêmica sugerem desvantagens para as mulheres quando estas se tornam mães nos primeiros anos de suas carreiras, pois o cuidado integral ainda recai sobre as mulheres, marcando a desigualdade de gênero na divisão das responsabilidades com filhos e filhas. Sabemos que as experiências que não se ajustam às expectativas sociais podem trazer dificuldades no enfrentamento da situação e conduzir as mulheres a questionar suas próprias habilidades, o que as faz silenciar diante de seus conflitos. A auto-cobrança e a culpabilização as colocam no lugar de “insuficiência”. Portanto, a experiência da maternidade ainda é um dilema para as mulheres que querem seguir uma carreira profissional, pois como afirmado anteriormente, estas ainda são sobrecarregadas com as responsabilidades parentais. Tornar-se mãe no contexto acadêmico requer, sobretudo, equilíbrio entre família-vida acadêmica-filhos. Apesar de as mulheres serem hoje maioria entre os egressos e matriculados no ensino superior, elas ainda são minoria em muitas áreas e avançam lentamente na carreira científica.

Isto posto, a entrada das mulheres-mães nas universidades e no mercado de trabalho é realizada em uma conciliação “forçada” do cuidado da casa e dos filhos, denunciando a tradicional divisão sexual do trabalho e a construção social de que os trabalhos reprodutivos são delegados ao feminino. Por estes motivos, muitas delas preferem optar por jornadas parciais, flexibilização de horários e frequentes interrupções na vida profissional e/ou acadêmica quando constituem família. Sendo assim, Aquino [8] expõe que “a interrupção temporária da carreira para o cuidado de filhos pequenos significa uma desaceleração das atividades e o retorno, em geral, acontece com dificuldades” (p.17). Nesse sentido, entende-se que as estratégias em busca da equidade não devem se restringir apenas ao estímulo do ingresso de mulheres nas universidades. Essa consigna do feminismo liberal, que gerou inúmeras iniciativas de ação afirmativa, não são suficientes nos dias de hoje. Uma ampla incorporação das mulheres às universidades e à ciência, sem que haja mudanças estruturais profundas no contexto acadêmico como em toda a vida social, acaba por continuar colocando-as em situação de desigualdades. No entanto, é preciso lançar as bases para investimentos de pesquisa nessa área, de modo a dar novos passos na compreensão dos processos que podem caminhar na direção de uma equidade para essa maternidade-vida acadêmica entre pesquisadoras de nossas universidades. Neste sentido, compreendemos que as pesquisas e/ou estudos sobre esta temática se fazem cada vez mais necessários, na medida em que trazem uma visão bastante ampla no

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, brunapmbrito@gmail.com  
<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, fabianatravares@yahoo.com.br  
<sup>3</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, re\_costa@id.uff.br  
<sup>4</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, safirahosken31@gmail.com  
<sup>5</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, marcellycostalonga@id.uff.br  
<sup>6</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelaquentino@id.uff.br  
<sup>7</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelanochelli@gmail.com  
<sup>8</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, talita.sant99@gmail.com  
<sup>9</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, karsgama@gmail.com

que tange à posição/situação das mulheres nas universidades brasileiras.

É importante salientar ainda que, embora o projeto tenha sido organizado durante o período remoto, há também discussões sobre a falta de locais adequados no espaço físico das Universidades frente às necessidades específicas das mães discentes, como, por exemplo, sala para amamentação, fraldários, e espaços específicos para que deixem seus filhos(as) sob cuidados enquanto estudam, tais como berçário e creche. De tal forma, é notório que os espaços das universidades públicas, em muitos casos, não são acessíveis para mulheres-mães que não possuem uma rede de apoio para deixar seus filhos(as) durante o horário de aula. Ademais, é válido ressaltarmos que este projeto está associado a um Instituto que se localiza no interior do estado do Rio de Janeiro e é fruto do programa federal REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras). A esse respeito, Paula et al. [9] afirma:

O Reuni foi um conjunto sistêmico de ações programadas e articuladas, para atender às demandas de expansão da Educação Superior pública, considerada na agenda de prioridades do governo para a consecução entre 2007 e 2012. As universidades federais sofreram alterações estruturais, operacionais e administrativas que refletiram no desempenho mensurado pelos indicadores propostos nos Termos da Decisão TCU nº 408/2002. (p.1070)

Apesar de reconhecermos a importância do programa REUNI, associado às políticas de ações afirmativas que contribuem para a democratização do ensino superior, ainda carecem inúmeros investimentos em estruturas físicas e políticas de apoio e permanência, que incluem ações específicas para mães discentes. Sem condições de permanência, a única alternativa de muitas dessas mães universitárias é a evasão. Ao não adotarem espaços seguros e apropriados para receber crianças, as instituições acabam excluindo as mães do ambiente acadêmico, não cumprindo seu papel de inclusão e desenvolvimento social. Isto posto, retomando a especificidade deste projeto, nosso instituto tem como objetivo o desenvolvimento regional e consideramos que as políticas de apoio à maternidade devem ser incluídas nas discussões institucionais. Assim sendo, o projeto se torna necessário na medida em que abre a discussão sobre a falta de apoio e infraestrutura institucional e de políticas públicas, como garantias mínimas para a permanência de mães discentes nas universidades, além de expor questões que já existiam mas foram evidenciadas e agravadas durante o ensino remoto. Por último, considerando o avanço da vacinação no país e seus efeitos positivos frente ao controle pandêmico, os novos desafios postos em nosso horizonte é criar estratégias de apoio às mães discentes ao retorno presencial, de modo a afirmar ainda mais a ocupação extremamente necessária dessas mulheres nos espaços acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

1. AKERMAN, M; PINHEIRO, W. R. Covid-19: Não estamos no mesmo barco. **Le Monde Diplomatique**. 14 de abril de 2020. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/covid-19-nao-estamos-no-mesmo-barco/>
2. FURTADO, L. A.C. et al. **Pesquisa desigualdades e vulnerabilidades na epidemia de COVID-19** [livro eletrônico]: monitoramento, análise e recomendações / UNIFESP ; Fundação Tide Setubal. São Paulo : UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61363> . Acesso em:09/11/2021.
3. BICALHO, P. P. G. de; SOUSA, C. F. de. Extensão universitária na formação em psicologia e a questão vocacional: um analisador da produção de subjetividades . Brasília: **Psicologia: Ensino & Formação** , v.1, n.2, 2010, p. 35-46.
4. ARANTES, P. F. Apresentação: Territórios de vulnerabilidade, territórios de esperança: A potência do encontro entre universidade e trabalhadores na produção coletiva de conhecimento sobre a maior crise sanitária da nossa história. In: Pesquisa: desigualdades e vulnerabilidades na epidemia

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, brunapmbrito@gmail.com  
<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, fabianatrtares@yahoo.com.br  
<sup>3</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, re\_costa@id.uff.br  
<sup>4</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, safirahosken31@gmail.com  
<sup>5</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, marcellycostalonga@id.uff.br  
<sup>6</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelaquinino@id.uff.br  
<sup>7</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelanochelli@gmail.com  
<sup>8</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, talita.sant99@gmail.com  
<sup>9</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, karsgama@gmail.com

de COVID-19: monitoramento, análise e recomendações.

5. MIRANDA, M; VASCONCELOS, R. e SANTIAGO, A. **Pesquisa em psicanálise e educação: a conversa** como metodologia de pesquisa.. In: PSICANALISE, EDUCACAO E TRANSMISSAO, 6., 2006, São Paulo.
6. FREUD, S. Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis I). In Obras Completas (J. L. Etcheverry, trad.). Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1913
7. FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.
8. AQUINO, E. M. **Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade**. (Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa: Pensando Gênero e Ciência, Brasília, BR), 2005/2006.
9. PAULA, C. H. de; ALMEIDA, F. M. de. O programa Reuni e o desempenho das Ifes brasileiras. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2020, v. 28, n. 109 [Acessado 10 Novembro 2021] , pp. 1054-1075. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002801869>>. Epub 08 Maio 2020. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002801869>.

**PALAVRAS-CHAVE:** mães discentes, extensão universitária, políticas de apoio à maternidade, rede de apoio

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, brunapmbrito@gmail.com  
<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, fabianatrtares@yahoo.com.br  
<sup>3</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, re\_costa@id.uff.br  
<sup>4</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, safirahosken31@gmail.com  
<sup>5</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, marcellycostalonga@id.uff.br  
<sup>6</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelaquinino@id.uff.br  
<sup>7</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, raphaelanochelli@gmail.com  
<sup>8</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, talita.sant99@gmail.com  
<sup>9</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, karsgama@gmail.com